

## *Que cara tem o Brasil?*

Velloso, Mônica. *As maneiras de pensar e sentir o nosso país*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.

Rachel Soihet\*

São as preocupações, as angústias e as perplexidades, em que nos debatemos no presente, que servem aos historiadores de parâmetro para as perguntas feitas ao passado. Muitos já se manifestaram neste particular: “(...) toda história é história contemporânea”, afirmou Benedetto Croce. “A história precisa ser reescrita a cada geração, porque, embora o passado não mude, o presente se modifica”, e cada geração formula novas perguntas ao passado, acentua Christopher Hill. Monica Velloso, como boa historiadora, não foge a esta regra ao reiterar que “A história nunca é um passado morto (...). Falar do passado só faz sentido quando este expressa vivacidade e sintonia com as questões atuais”. Muito oportunamente, em um momento pleno de inquietações, Velloso presenteia-nos com este trabalho que, a começar pelo título – *Que cara tem o Brasil?* – revela a sua adequação às problemáticas, hoje na ordem do dia, acerca dos caminhos que tem trilhado o país e das medidas que devem ser pensadas com vistas à construção de uma nação que assegure para os seus membros o exercício de uma cidadania plena, ou seja, que garanta “uma nova cara ao Brasil”. A obra propõe uma reflexão sobre o processo de construção da identidade cultural brasileira. Não por acaso, a autora recorre ao período que vai de 1900 a 1930, centrando o foco no modernismo, a fim de nos mostrar como os intelectuais e os artistas que viveram aquele tempo, de grande efervescência e busca de soluções para os problemas do Brasil nos mais diferentes âmbitos, se empenharam no propósito de dar ao país uma face nacional e moderna, através da valorização de uma cultura que integrasse as diversidades.

Não é de hoje que a autora se tem debruçado sobre questões de nossa história cultural. Podemos citar, entre outras, sua premiada obra *As Tradições Populares na Belle Époque Carioca*, assim como o pioneiro e original *Modernismo no Rio de Janeiro*. Tal fato, aliado ao propósito didático do trabalho em análise, explica a fluidez de sua narrativa, embora abordando assuntos da maior densidade, possibilitando ao seu

---

\* Professora do Programa de Pós-Graduação em História da UFF.

trabalho o acesso a um público mais amplo. Aliás, nisto se aproxima dos próprios modernistas, preocupados em mudar o estilo da escrita, em busca de uma maneira mais livre e mais solta de expressão, a fim de tornar inteligível suas concepções acerca de quem somos ao maior número de pessoas. Além de ilustrações, mesclam-se à narrativa trechos de poesias e de letras da música popular brasileira. Esclarece a autora que seu objetivo foi o de explicitar “(...) que música, literatura e história caminham juntas, sendo apenas formas diferentes de expressão social (...)”, inferência das mais significativas em um trabalho que aborda o campo cultural. A todo instante, traz o contexto mais geral à tona, procurando desvendar os significados de seu objeto, a partir das transformações que vão ocorrendo naquele momento, pleno de contradições, no panorama externo e interno.

O fascínio pela França, modelo de cultura e civilização, que, com algumas dissonâncias, envolvia nossas elites, se constitui na matéria inicial da abordagem. Afinal, a França era sinônimo de progresso, alvo a ser necessariamente atingido. Assim, o Brasil tinha a cara da França, mas, na verdade, esta era uma máscara que encobria sua face real: A máscara do pierrô, como bem resume a autora. Embora as pesquisas desenvolvidas assinalem a resistência a este quadro desde um período que remonta ao fim do século XIX, sem dúvida, com a primeira guerra mundial, desmoronaram-se estes sonhos e estas ilusões e os brasileiros voltar-se-ão para seu próprio país, em busca de suas raízes, constatando artistas e intelectuais a urgência de modernização. A década de 1920 assinala este movimento para dentro, num país em que as desigualdades econômicas, políticas, sociais, culturais e regionais eram a marca. Diversos intelectuais paulistas e cariocas empreenderam viagens pelos demais estados brasileiros, a fim de conhecer suas culturas, objetivando integrá-las à nação em vias de construção. Este é o panorama focalizado no capítulo apropriadamente intitulado: Procura-se um país!

A Cidade é Moderna! é o título que abre o capítulo seguinte e é emblemático do pensamento dos paulistas, acerca de sua cidade em começos dos anos 1920. São Paulo vai abrigar, em 1922, a Semana de Arte Moderna, que reuniu os que defendiam uma nova visão do país e de sua cultura. Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Manuel Bandeira e Villa-Lobos, eis alguns dos que participaram deste movimento, que representou uma revolução nas artes plásticas, na música e na literatura. Paulistas em sua maioria, aos quais se juntaram alguns do Rio de Janeiro, na luta por uma nova linguagem que estimulasse a liberdade de criação, integrando os saberes populares, que até então eram vistos por boa parte dos intelectuais como símbolos do atraso face à erudição européia. O humor e o riso foram considerados formas de expressão modernas, reiterando Oswald de Andrade que estes não se contrapunham à seriedade, a qual, por sua vez, não era sinônimo de sisudez. Nem todos concordaram com estas idéias e “Semana de Arte Baderna” foi a opinião emitida por muitos com relação a estas propostas. Assinale-se, porém, que, apesar desta reação de boa parte da elite, ela não formava um bloco unívoco e alguns, fazendeiros de café e industriais, como Paulo Prado, aderiram às novas idéias, patrocinando o evento. Também entre os modernistas apresentaram-se divergências, que Velloso busca apontar, e a mais extremada foi a representada pelo grupo dos verde-amarelos, que constituíram a base de uma vertente conservadora que medrou paralelamente naquele contexto. Seu herói, o idealizado e exemplar Martim Cererê, de

Cassiano Ricardo, em muito se distanciava da irreverência e da ambigüidade de Macunaíma – Herói sem nenhum caráter, expressão das contradições e dos problemas vividos pelo Brasil.

Iluminai os terreiros que nós queremos sambar!, verso de Assis Valente – e que intitula o terceiro capítulo – caracteriza a abordagem dos acontecimentos no Rio de Janeiro, marcados pelo espírito de valorização da cultura em que as matrizes negras têm lugar de destaque. Centra-se o eixo em torno das estratégias de resistência desenvolvidas por esta população, especialmente, pelos grupos de negros baianos, que garantiram a presença de suas manifestações culturais e seu intercâmbio com as outras camadas da população. Os encontros e as trocas aconteceram tanto em suas casas – freqüentadas por intelectuais, artistas e políticos – como nas ruas, junto aos tabuleiros das baianas, nas festas de igreja – como a da Penha – nos carnavais, nos cafés e nos bares da Lapa. Nestes locais, entre outros, Pixinguinha e Sinhô trocaram experiências com Mário de Andrade, Manuel Bandeira e João do Rio. Lugar de destaque é atribuído a Lima Barreto, intelectual de enorme lucidez, que buscou ressaltar a heterogeneidade de nossa cultura, criticando o espírito de imitação da maioria dos seus pares e o empenho em esconder a pobreza como sinônimo de atraso, segmentando a cidade, política, social e culturalmente. Por tudo isto, aliás de forma justa, embora tenha falecido em 1922, é considerado modernista pela autora. Também a mesma qualificação é conferida a Chiquinha Gonzaga, exemplo de mulher e compositora que, ferindo inúmeros preconceitos, freqüentou locais populares, a fim de incorporar tais ritmos às suas composições, uma das quais – o tango Corta-Jacas – foi introduzido no Palácio do Catete por Nair de Teffé. Não deixa Monica Velloso de mencionar a importância das revistas humorísticas ilustradas, nas quais muito se criticaram os festejos comemorativos do centenário da independência, realizados em 1922, festa para a qual pobres, negros e outros indesejáveis não foram convidados, o que nos faz lembrar os recentes festejos dos 500 anos em Porto Seguro. Dessa forma, o modernismo não aconteceu nos mesmos moldes que em São Paulo, embora as inquietações aí também se apresentassem. E a revista Estética, fundada em 1924, marca o intercâmbio entre intelectuais cariocas e paulistas; inclusive, é através do seu grupo fundador – Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes Netto e Ronald de Carvalho – que Gilberto Freyre vem ao Rio de Janeiro em 1926 para entrar em contato com o samba.

No capítulo final, a autora apresenta um novo cenário, marcado pelo advento da Revolução de 1930 e pelo fim da Primeira República e do sistema oligárquico. Acentua, porém, que este processo longe estava de ser homogêneo, o que é revelado pela literatura regionalista que, neste momento, explode. Igualmente, novos personagens – entre os quais o proletariado – aparecem na literatura e nas artes plásticas, expressando nossa multiplicidade étnica, social e cultural. Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda encarregam-se de trazer à tona suas grandes interpretações culturais da sociedade brasileira, buscando desvelar características marcantes de nossa formação. É o momento em que muitas destas propostas se instauraram, com vista a expressar a identidade da nova nação.

Cabe, mais uma vez, ressaltar a importância do trabalho em foco, cuja autora transita com intimidade por questões significativas de nossa história cultural, revelando habilidade e sensibilidade, a fim de torná-las compreensíveis ao público

mais amplo. Por outro lado, apenas foi citada a presença de movimentos modernistas em outras partes do país, sendo desejável o surgimento de trabalhos que observem tais diversidades. De qualquer forma, o material apresentado demonstra, através dos exemplos ocorridos em São Paulo e no Rio de Janeiro, a complexa e contraditória multiplicidade de influências nas “maneiras de pensar e sentir o nosso país” – decorrentes da contribuição de negros, índios, portugueses, imigrantes e de outros grupos – e o esforço dos modernistas em integrá-las, a fim de revelar, por detrás das máscaras, a cara do Brasil.